

FARJALLAT, C. Siqueira. O telefone tem cem anos. Correio Popular,
Campinas, 26 maio 1976.

O TELEFONE TEM CEM ANOS

Correio Popular
C. Siqueira FARJALLAT

Indispensável na vida moderna, produto de muitos anos de trabalho e de estudos, o telefone é o mais popular meio de comunicações em nossos dias, tormento e alegria, e ao mesmo tempo, servo e senhor. Dele dependemos para negócios e recados; através dele escutamos vozes amigas e notícias boas e más, e, às vezes, nem isso, porque o instável servidor emudece, quando mais necessário.

Exerce atração irresistível para gente de todas as idades. Velhos e moços dele se utilizam sem mesmo um muito obrigado. A até garotinhos, que mal ensaiam os primeiros passos como o Daniel, ou menininhas como a Lia, a Raquel, a Cristina assanham-se com o telefone, alegram-se com a campainha cristalina, e mandam seus recados à Vovó: "Venha aqui... Vó." Já as crianças mais crescidas, como a Roberta, ou o Marcelinho ditam "pontos" por telefone, localizam coleguinhas, e, às vezes, fazem lá suas travessuras. "Meninos, telefone não é para brincar. É importante..."

Bem, foi o telefone sonho e aspiração de milhões de homens, no decorrer dos séculos. Por ele, nos toscos laboratórios do passado, lutaram homens de gênio, alguns hoje esquecidos. A história de sua invenção encerra muitas lutas e muitos esforços por parte de pesquisadores, culminando com a realização prática, em 10 de março de 1876, da transmissão da voz à distância, através de um fio condutor.

Até um frade entra em sua história. Em 1782 o jovem Frei Dom Gauthey apresentou à Academia de Ciências da França, através de Condorcet, um aparelho que permitia ouvir à distância. Em fins do século XVI um certo Hoock, inglês, experimentara transmitir sons, sem eletricidade, através de um fio tenso; meio século mais tarde, Page e La Rive, em 1837, e anos após, Philip Reiss, alemão, conseguiram apresentar uma espécie de telefone elétrico, muito primitivo é verdade, mas baseado no mesmo princípio dos telefones de hoje. Embora a questão seja controvertida, o mundo acabou por aceitar como "Pai do Telefone", "Alexandre Graham Bell", que fora professor de surdos mudos, doutor em Filosofia, e nome muito conhecido nos meios científicos da época.

É muito conhecida a participação de nosso Imperador Pedro II na aceitação do invento de Bell. Quando nosso último Imperador visitou a Exposição de Filadélfia, em 1876, deparou a um canto, sobre pequena mesa, o aparelho de Bedi, que na verdade não chamava a atenção de ninguém. Mas o soberano, após experimentar o invento, exclamou, entre comovido e maravilhado: "Meu Deus, isto fala!" O fato teve larga publicidade, e o apoio recebido

de tão ilustre personagem animou os mais céticos. Em relatório, comunicado à Real Sociedade de Londres, Graham Bell fez saber que lâminas de ouro, prata, latão e outros metais emitem um som distinto, quando feridas por vibrações luminosas intermitentes. Outros variados inventos são da autoria de Pai do Telefone.

Mas para os italianos foi um seu patricio, Antonio Meucci, o inventor do telefone. Este florentino de gênio, que já trabalhara para o Duque de Toscana, emigrou para a América em 1835, e empregou-se no "Tacon Opera House" como mecânico. Ali usava um megafone para dar ordens aos empregados. Surgiu-se então a idéia de transmitir a palavra através da corrente elétrica. Em Nova Iorque chegou a construir um telefone rudimentar: um magneto com caretel e diafragma, encerrados em caixa de madeira.

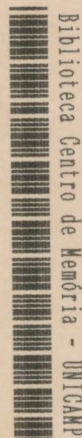
Em 20 de setembro de 1871 solicitou registro de patente de invenção, ilustrando sua petição com gráficos, mas seu processo ficou engavetado. Na verdade, Meucci não tinha recursos para lutar por sua invenção, nem para aperfeiçoá-la. Pouco depois em 14 de fevereiro de 1876, no intervalo de duas horas, surgiram dois pedidos de registro de patente de invenção do telefone: uma, apresentado por Graham Bell, outro por Elisha Gray, e ambos foram aceitos. Muita gente não acreditou na simultaneidade de idéia, e Meucci apelou para os tribunais.

A demanda prolongou-se indefinidamente. Nese interim, Bell fundara com enormes capitais a "Bell Company", que se tornou gigantesca empresa nos Estados Unidos. O inventor italiano recorreu novamente à justiça, e informaram-no de que seu processo fora extraviado! E foi somente em 1886 que a Corte Suprema condenou a Bell Company a conceder pensão vitalícia ao reclamante. Antônio Meucci, amargurado, morreu em outubro de 1889, e até seus últimos momentos, falava em seu invento e em grandes companhias que o haviam prejudicado...

Neste ano do centenário do telefone é justo seja evocado também o nome do desditoso inventor brasileiro Padre Roberto Landell de Moura, gaúcho de nascimento, e que por algum tempo residiu em Campinas. Gênio incompreendido em sua época, perseguido pelo fanatismo e pela ignorância de seus contemporâneos, o Padre Landell de Moura, foi de impressionante criatividade no setor de comunicações. Em 1893 realizou com êxito a transmissão da voz humana, sem fios, a oito quilômetros de distância. Marconi, em 1896, portanto três anos mais tarde, patenteou a telegrafia sem fio. Broughton fez o mesmo, em 1900, para a radiotelegrafia. Patenteou ainda, nos Estados Unidos, outros inventos, como: transmissor de onda, telefone sem fio e telégrafo sem fio.

Sem ambiente para levar avante seus inventos, Landell de Moura como Antônio Meucci, ficou no olvido. Mas, agora o mérito de ambos começa a ser reconhecido. Afinal, a Verdade demora, mas acaba triunfando, graças a Deus...

CMUHE013804



Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP